

### **Dossiê: História Indígena, Etno-história e Indígenas Historiadoras(es): experiências descolonizantes, novas abordagens, sujeitos e objetos**

Os estudos situados no campo interdisciplinar da história indígena ou etno-história, assim institucionalizados em diferentes países das Américas, registram crescente produção intelectual desde a segunda metade do século XX. No entanto, apenas recentemente passaram a contar com uma significativa e contínua contribuição de pesquisas realizadas e publicadas por indígenas educadoras(es), etnólogas(os), (etno)historiadoras(es) e especialistas em outros campos do conhecimento científico. Um fator que contribuiu para o aparecimento dessas(es) novas(os) autoras(es) foi a significativa ampliação dos cursos de graduação e programas de pós-graduação em diversos países latino-americanos, como também se verifica no Brasil, especialmente a partir da década de 2000. Neste contexto mais amplo, a história indígena, como o campo é mais conhecido na academia brasileira, começa a ser produzida nos termos das(os) próprias(os) indígenas, agora na condição de protagonistas. Sob outra perspectiva complementar, notamos que esta produção intelectual também é feita de modo a considerar a imperiosa necessidade de descolonizar as relações assimétricas do saber e do poder no âmbito no contexto Norte/Sul. Isso é feito na perspectiva de privilegiar relações menos assimétricas no cenário Sul/Sul, inclusive no âmbito do Brasil profundo. Nesta linha de argumentação, importa registrar que muitas vezes grande parte das relações assimétricas Norte/Sul é reproduzida com certa naturalidade no contexto Sul/Sul, sobretudo quando a produção intelectual feita no Brasil profundo e outras partes da América Latina é silenciada ou não é devidamente valorizada em certas análises, principalmente naquelas que se apresentam como descolonizantes ou decoloniais. É exatamente contra esta assimetria que o presente dossiê foi pensado, proposto e organizado. A ideia inicial para sua realização surgiu em julho de 2017, na cidade de Brasília, durante a realização do XXIX Simpósio Nacional de História, ocasião em que Jane Felipe Beltrão e Jorge Eremites de Oliveira coordenaram um simpósio temático homônimo e passaram a articular uma rede de pesquisadoras(es) dedicados ao assunto<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Cumpro aqui fazer uma pequena digressão relativa à linguagem inclusiva de gênero adotada neste

As mais diversas experiências de escrever a história indígena ocorrem nos campos da história, antropologia social e arqueologia, dentre outros, como nos da educação e linguística. São estudos que contribuem enormemente para a descolonização das ciências humanas e, ademais, rompem com certas epistemologias constituídas no Ocidente e em voga na academia. Por isso, a proposta do presente dossiê temático, denominado *História Indígena, Etno-história e Indígenas Historiadoras(es): experiências descolonizantes, novas abordagens, sujeitos e objetos*, que agora vem a lume, tem o propósito de reunir pesquisadoras(es) que se dedicam ao estudo da história dos povos indígenas em diferentes temporalidades e a partir de distintas abordagens, fontes e perspectivas teórico-metodológicas.

Ao convocar publicamente várias(os) colegas a contribuir com o dossiê, indicamos a abertura da chamada para a submissão de trabalhos que privilegiem experiências descolonizantes para (re)pensar o protagonismo dos povos indígenas na história da América Latina, desde temporalidades pré-coloniais, isto é, anteriores ao início do encontro colonial, até o tempo presente, incluindo novas(os) sujeitos da pesquisa, ou seja, as(os) próprias(os) indígenas pesquisadoras(es).

A chamada teve excelente acolhida entre os pares e muitos trabalhos foram submetidos à revista *Tellus*, periódico especializado na temática indígena, cuja criação e estruturação também contou com o protagonismo do saudoso historiador, antropólogo e indigenista Prof. Dr. Antonio Jacó Brand (1949-2012). O número de trabalhos aprovados permite a publicação de dois volumes do dossiê, todos com contribuições de excelente qualidade, sendo esta a primeira parte.

A abertura do dossiê contempla uma discussão sobre os(as) indígenas intelectuais, parceiros(as) do “bom combate” ao colonialismo presente no Brasil, feita por Inês Caroline Reichert no artigo denominado *Prospecções: doutores indígenas e a autoria acadêmica indígena no Brasil contemporâneo*. Neste trabalho a autora se interroga sobre os sentidos que os indígenas doutoras(es) assumem nas diversas redes em que se inserem e realizam suas ações. Ao trabalho da autora é possível acrescentar outras(os) tantas(os) indígenas doutoras(es) e mestres formadas(os) a cada dia e aos quais nos associamos cotidianamente. Este fato se expressa entre

---

texto. Ocorre que o uso diferenciado da formulação dentro dos cânones formais da língua portuguesa segue a concordar como o masculino. Denota, pois, certa inversão de valores no campo da ciência, haja vista a necessidade da inclusão explícita de mulheres na ciência. Assim sendo, como gênero feminino é predominante e vem antes do masculino, quem sabe dessa maneira gradualmente introduzimos modificações no fazer acadêmico e na divulgação de novos saberes científicos ao grande público.

nós, organizadora(es) do dossiê que ora vem a público. Luiz Henrique Eloy Amado e William César Lopes Domingues, por exemplo, são duas importantes lideranças indígenas e dois intelectuais que têm pensado o Brasil e o mundo a partir vivências no Brasil profundo e, ainda, através de apurados estudos acadêmicos, realizados em reconhecidos programas de pós-graduação sediados nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Norte. Jorge Eremites de Oliveira e Jane Felipe Beltrão, por sua vez, atuam sobretudo na formação acadêmica de pessoas indígenas nas regiões Centro-Oeste, Norte e Sul e têm produzidos vários estudos considerados “extramuros”, como é o caso, por exemplo, da produção de laudos periciais a envolver direitos de comunidades indígenas, feitos em atenção à determinação da Justiça Federal. Vale lembrar, ainda, a existência de indígenas que concluíram cursos de mestrado e doutorado no país, mas que fizeram isso sem apoio de quaisquer ações afirmativas; muitas vezes passam despercebidas(os) no que se refere a sua origem e pertença étnica dentro da própria academia brasileira.

Em seguida, temos uma sequência de autoras(es) que foram em busca de fontes escritas e outros documentos. Fizeram isso percorrendo caminhos que vão do Oiapoque, no Amapá, ao Chuí, no Rio Grande do Sul. Informam as(os) leitoras(es) sobre a história indígena em diferentes regiões do território nacional e dão conta de analisar conflituosas e assimétricas relações interétnicas, as quais marcam a história dos povos indígenas desde o início do encontro colonial. *Povos indígenas e negros nos Sertões do Leste: transição para a República e nacionalidade*, de Izabel Missagia de Mattos, está voltado ao estudo dos povos genericamente chamados de Botocudos nas Minas Oitocentistas. Esses coletivos encontram-se inter-relacionados à presença de quilombos na região denominada Sertões do Leste, cuja marca colonial é violenta e implica na escravização de indígenas, africanos e afrodescendentes. Valendo-se de diversas fontes documentais, a autora aponta a tendência de estudos latino-americanos em articular a história de povos indígenas aos africanos e seus descendentes, considerando relações interétnicas antes olvidadas.

O artigo *“No Tempo Do SPI”: proteção e Indianidade entre os povos indígenas de Oiapoque*, de Carina Santos de Almeida e Leônia Ramos Oliveira, as autoras discutem a “proteção tutelar” enquanto ação controversa e contraditória do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em relação aos povos indígenas. Tomam em consideração a fronteira Brasil – Guiana Francesa, constituída em desconsideração a especificidades territoriais das relações indigenistas na Amazônia Setentrional, nos anos 1940, e analisam o papel dos postos indígenas Luiz Horta e Uaçá na história indígena local.

Luís Fernando da Silva Laroque, Tiago Weizenmann e Jéferson Luís Schaeffer discutem as *Relações Interétnicas: (des)encontros entre Kaingang e imigrantes holandeses no século XIX em territórios das bacias hidrográficas Taquari-Antas e Caí/Rio Grande do Sul*. Assumem como ponto de partida o mosaico étnico composto pelo deslocamento compulsório que envolve comunidades *Kaingang* (originárias da região), africanos escravizados e imigrantes holandeses que constituíram colônias indevidamente assentadas em terras indígenas. O estudo indica aspectos específicos das relações interétnicas nas barras dos rios Taquari-Antas e Caí.

Mateus Brunetto Cari e Paula Faustino Sampaio se detém às *Missões jesuíticas dos Sete Povos e o Tratado de Madri (1750)* e focam na discussão a respeito do protagonismo, resistência e autodeterminação dos povos indígenas que lutam pela terra, além da importância geopolítica da conformação da fronteira Sul. Problematicam o olhar eurocêntrico que domina algumas análises sobre o tema, fundamentando uma análise crítica sobre a bibliografia levantada.

*Uma etnografia do povo indígena Kinikinau*, realizada por Gabriel Barros Viana de Oliveira e Andérbio Márcio Silva Martins colocam em evidência o sul do Pantanal Sul-mato-grossense e áreas adjacentes. Fazem isso em face a questões fundiárias e suas repercussões para o povo Kinikinau, a partir das observações de indígenas protagonistas da história sobre sua própria trajetória na região.

Tomando o ponto de vista de interlocutores indígenas, Aloir Pacini escreve sobre *Kaimen. O bem-viver Wapichana*, aludindo ao conceito nativo de bem viver dos povos indígenas, denominado entre os *Wapichana* de *Kaimen*. O autor procede desta maneira para demonstrar que a cosmologia indígena se diferencia em relação à predominante no Ocidente: relações sociocosmológicas que os *Wapichana* consideram em diversos situações dos contatos interétnicos, como trabalho, comida, desenhos em alto relevo esculpidos sobre rochas, rituais, falas etc., inclusive nas relações estabelecidas na fronteira guianense.

Em o *Xamanismo e resistência Guarani e Kaiowá: história e cosmopolítica em Laranjeira Nãnderu*, de Gabriela Barbosa Lima e Santos Zotti e Grazielle Acçolini, as autoras analisam o contexto das lutas por terras tradicionalmente ocupadas dos povos Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul. As reivindicações fazem parte de um movimento étnico e comumente são chamadas de “retomadas”, entendidas como um conjunto de ações políticas fundamentadas pela cosmologia e por maneiras particulares de organização social e política. O trabalho possui como referencial territorial o *Tekoha Laranjeira Nãnderu*.

Odair Giraldin e Cassiano Sotero Apinajé tratam das *Perspectivas históricas sob perspectiva*, e provocam uma proffícuá reflexão questionando se os Apinajé não teriam perspectiva histórica? Iniciam a pergunta a partir da afirmação de Roberto Da Matta, que informa que os Apinajé “[...] têm uma noção de tempo e de duração de tempo, mas não tem uma perspectiva histórica [...]”. Os autores demonstram quais as categorias existentes no pensamento *Apinajé* que se referem a eventos no passado e problematizam a noção de história mantida pelos protagonistas, em contraponto ao Ocidente. Esta é mais uma das relevantes tentativas, apresentadas no dossiê, de demonstrar a premência de se desfazer dos cânones eurocêntricos – por vezes influenciados por perspectivas teóricas a-históricas – que negam a história dita e a escrita em função de outras epistemologias.

*O mundo e o fim do mundo: palavras de um rezador Avá Guarani sobre o desenvolvimento*, assinado por Yan Leite Chaparro, Josemar de Campos Maciel, Eliezer Martins Rodrigues e Arnulfo Morinigo, demonstra, do ponto de vista dos interlocutores *Avá Guarani*, como o desenvolvimento baseado no progresso material e na acumulação de capitais assola os povos indígenas. O estudo sugere que o *teko porã* ou modo de ser tradicional dos Guarani e Kaiowá, baseado na lógica do bem viver, contrapõe-se ao colonialismo, entendido como sistema estruturante de relações sociais de poder, exploração, acumulação e tentativas de dominação, mantido pelo Estado e pelas elites nacionais contra povos e comunidades tradicionais.

A maioria dos artigos retro mencionados foi escrita por pesquisadoras(es) não indígenas, as(os) quais, algumas vezes, estão associadas(os) a indígenas pesquisadoras(es) e intelectuais, assim reconhecidos dentro e fora da academia. O diálogo entre as(os) pesquisadoras(es) indígenas e não indígenas é difícil, haja vista falarem de lugares e perspectivas que não necessariamente convergem, mas que nem por isso tendem a ser radicalmente opostos. O fato é que ainda temos muito a apreender com as(os) intelectuais indígenas.

Ao encerrar o dossiê, trazemos a público dois textos escritos por indígenas de diferentes etnias, situadas na Amazônia Setentrional. O primeiro é de Putira Sacuena (Eliane dos Santos Rodrigues), que tece considerações sobre o ser *Indígena e o desafio diferenciado* de exercício da indianidade, no caso dos *Baré* do Alto Rio Negro, refletindo sobre o racismo que tenta discriminá-las(os) diuturnamente. O segundo texto é de Adonias Guiome Ioiô, intitulado *Palikur-Arukwayene*, que mostra o Calendário do seu povo em contraponto ao Calendário Gregoriano, mantido no Ocidente. As

observações do autor possibilitam a reflexão sobre o quão pertinente é o dossiê apresentado e o quanto a noção de tempo, tão cara e importante para a escrita da história, obriga-nos a exercícios interculturais e a considerar outras epistemologias, igualmente válidas para trabalhar com a história ou etno-história dos povos indígenas. Tais epistemologias foram por tanto tempo encobertas, invisibilizadas, ignoradas e olvidadas. Portanto, ao fazermos esta crítica no sentido de chamar a atenção para a necessidade de se adotar múltiplos olhares e experiências descolonizantes, esperamos que as(os) leitoras(es) possam usufruir do esforço coletivo das(os) autoras(es) que colaboram com a presente coletânea.

Enfim, com este primeiro volume do dossiê esperamos contribuir para a divulgação de “outros” estudos sobre a história indígena ou etno-história. Esta possibilidade avança à medida que indígenas e não indígenas (etno)historiadoras(es) e afins divulgam experiências descolonizantes, em busca de consolidar novas perspectivas a um campo interdisciplinar que a cada dia avança no Brasil e em outros países.

Boa leitura!

*Jane Felipe Beltrão*  
*Jorge Eremites de Oliveira*  
*Luiz Henrique Eloy Amado*  
*William César Lopes Domingues*  
Organizadores do Dossiê